

A DIMENSÃO DA LEITURA NA OBRA A DESUMANIZAÇÃO, DE VALTER HUGO MÃE

READING'S DIMENSION IN THE BOOK A DESUMANIZAÇÃO, DE VALTER HUGO MÃE

Fabiane Verardi Burlamaque 1
Paola Hagen de Oliveira 2

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar como a leitura torna-se uma experiência com papel relevante na construção e transformação da subjetividade na obra *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe. A problemática da pesquisa está baseada, fundamentalmente, na dimensão tomada pela leitura no romance. A escolha desta obra justifica-se pela presença da leitura ao longo de toda a narrativa e na importância dos livros para a personagem narradora. A análise foi realizada à luz dos pressupostos teóricos de Jouve, Larrosa e Petit. Os procedimentos adotados caracterizam esta pesquisa como descritiva, bibliográfica, com abordagem qualitativa e de caráter exploratório. Considerando as teorias estudadas ao longo da pesquisa, o estudo evidenciou que a presença da leitura no romance *A desumanização* reflete vários aspectos apontados pelos autores no que diz respeito à leitura como experiência transformadora.

Palavras-chave: Experiência. Leitura. Literatura. Subjetividade. Transformação. Romance. *A desumanização*. Valter Hugo Mãe.

Abstract: This essay aims to present how the act of reading becomes an experience with a relevant role in construction and transformation of subjectivity in the Valter Hugo Mãe's novel *A desumanização*. The research problem is based, fundamentally, on the dimension taken by the act of reading in the novel. The selection of this book is justified by the presence of reading throughout the narrative and the significance of books to the narrator character. The analysis was carried out in the light of the theoretical assumptions of Jouve, Larrosa and Petit. The applied method characterize this research as descriptive, bibliographic, with a qualitative and exploratory approach. Considering the theories studied throughout the research, the study has validated that the presence of reading in the novel *A desumanização* reflects several aspects pointed out by the authors regarding the act of reading as a transforming experience.

Keywords: Experience. Literature. Novel. Reading. Subjectivity. Transformatio. *A desumanização*. Valter Hugo Mãe.

Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade de Passo Fundo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0803268774577039> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6868-3616>.
E-mail: fabianevb@uol.com.br

Professora de Língua Inglesa e de Português como Língua Adicional. Universidade de Passo Fundo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0022511471860724> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5665-7963>.
E-mail: p.hagen@uol.com.br

Introdução

A importância do ato de ler é amplamente reconhecida e também alvo de acalorados debates em diversos contextos além do escolar. O incentivo à leitura pode acontecer desde muito cedo, quando as crianças têm acesso aos livros, ou mais tarde em encontros fortuitos com amigos leitores, com visitas a bibliotecas ou com o encorajamento de um professor ou mediador

O que sabemos sobre a importância da leitura, mesmo que não tenhamos acesso às teorias que tratam do tema, geralmente diz respeito aos conhecimentos que as leituras agregam, às memórias que elas evocam, aos encontros que elas promovem, seja com outros leitores, seja um encontro conosco mesmo; ao puro e simples prazer do ato de ler. Frequentemente, as transformações que as leituras suscitam e as oportunidades que elas viabilizam não são prontamente percebidas. E, muitas vezes, não sabemos nomear o que a leitura e os livros provocam.

O tema deste ensaio foi selecionado pensando-se na dimensão da leitura, em particular da leitura literária, para a construção da subjetividade, em como a leitura pode ser uma via de (trans)formação nos mais diversos contextos e em como o ato de ler torna-se experiência para leitores com distintas vivências. Para esta análise, a obra escolhida foi o romance *A desumanização*, do escritor português Valter Hugo Mãe. Trata-se de uma narrativa intensa, que aborda o difícil tema da morte, tornado ainda mais difícil por se tratar da morte de uma criança. É uma leitura que desconserta, abala e movimenta diferentes emoções. A característica da narrativa de Valter Hugo Mãe foi descrita como “tsunami” pelo escritor José Saramago quando da entrega do *Prêmio Literário José Saramago*, no ano de 2007, um tsunami em diversos sentidos: linguístico, semântico, estilístico. Essa descrição pode ser aplicada também à obra analisada, sem receio de exageros. É impossível ficar indiferente à *A desumanização*.

Considerando-se a relevância dos aspectos da leitura como experiência, chegamos à seguinte interrogação: qual a dimensão tomada pela leitura no romance *A desumanização*? Para pleno entendimento da questão, serão considerados os estudos que tratam da leitura, da leitura literária, da relação entre leitura e experiência e de como a leitura, em particular a leitura literária, constitui-se em um recurso para a construção e emancipação do sujeito.

A fundamentação teórica que suporta a análise desta pesquisa está baseada nas teorias desenvolvidas pelos autores Jorge Larrosa (2003, 2004, 2017), Michèle Petit (2008, 2009, 2013), Vincent Jouve (2002, 2012, 2013), bem como nos estudos de Alberto Manguel (1997, 2017).

O *corpus* definido para a presente pesquisa, como já referido, é o romance *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe. Cabe salientar que a análise será realizada considerando-se a narrativa como um todo e serão selecionados alguns excertos para um estudo teórico mais aprofundado no que diz respeito à leitura e aos livros. A escolha dessa obra justifica-se pela relevante presença da leitura em toda a narrativa e a importância dos livros para a personagem narradora, uma vez que toda sua trajetória é permeada por eles e pelo alento que a leitura e o compartilhamento do ato de ler oferecem. Além disso, as leituras provocam profundas reflexões na personagem.

Leitura e experiência

“[...] O pequeno tanque branco, pensei, podia ser uma página. Os peixes debatendo-se podiam ser um poema. Chamei o meu pai. Disse-lhe que os poemas deviam ser assim, como caixas onde estivesse tudo contido e onde, por definição, pudéssemos entrar também. Caixas gigantes se fosse necessário. Adequadas ao tamanho que se quisesse dizer. Do que se quisesse guardar. E os peixes como versos que podemos tocar, Pai. Que podemos tocar. Esses versos convencem-me, os outros, não”.

Valter Hugo Mãe

A ideia de que a leitura oportuniza novas experiências, compartilhamentos e transformações é reconhecida nos mais diversos meios, seja entre autores, professores e, até mesmo entre os próprios leitores. Enquanto leitor, o sujeito se experimenta e experimenta o mundo por meio das vivências e da linguagem do outro. Larrosa (2004) esclarece que a palavra *experiência* tem sua origem no latim *experiri*, cujo significado é *provar*. A experiência é, antes de mais nada, uma relação com algo ou alguém, é um encontro. O radical *periri* carrega o sentido de perigo enquanto o prefixo *ex* remete ao que é externo, ao estranho e também à existência. Os radicais gregos trazem para o termo o sentido de travessia. Na língua alemã, a *erfahrung* remete ao conceito de viagem. Em todas as acepções da palavra, estão presentes as dimensões de travessia, de passagem, de perigo. Para Larrosa (2004, s. p.), “o sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe, atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade”. Manguel (2017) apresenta-nos este mesmo sentido de leitura quando afirma que “ler nos permite vivenciar nossas intuições como fatos, e transformar o movimento através da experiência numa travessia reconhecível pelo texto” (MANGUEL, 2017, s. p.).

Larrosa (2004) salienta que é necessário separar os sentidos da experiência do sentido da informação ou do “saber coisas”. Sabemos muitas coisas mas nem sempre o conhecimento adquirido nos modifica. O saber da experiência diverge do que se entende por conhecimento. Diferentemente do saber científico, a experiência “é um saber particular, subjetivo, relativo e pessoal” (LARROSA, 2004, s. p.). Nesse sentido, diante de um mesmo fato ou acontecimento, pessoas diferentes terão experiências distintas. Para Larrosa (2004, s. p.), a experiência é “o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca” e não simplesmente o que passa ou o que acontece. Inúmeros acontecimentos desenrolam-se ao longo do tempo, porém nem todos mobilizam as emoções, os pensamentos, as sensações. É um processo que demanda tempo e envolvimento. Assim, a experiência, de acordo com Larrosa (2004, s. p.),

requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a ação e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

O sujeito da experiência é, de algum modo, afetado pela leitura, uma leitura que produz determinados efeitos, inscreve algumas marcas e deixa vestígios. Para Larrosa (2004, s. p.), este sujeito da experiência “é sobretudo o espaço onde tem lugar os acontecimentos, seja como território de passagem, como lugar de chegada ou como espaço do acontecer”. Pode ser definido muito mais por sua receptividade, por sua disponibilidade e abertura, do que por sua atividade. O sujeito da experiência define-se, também, por sua passividade. Trata-se, no entanto, “de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (LARROSA, 2004, s. p.). Nesse sentido, um dos elementos essenciais da experiência é o seu poder de formação e ou de transformação.

Essa concepção de leitura não tem relação como a erudição, com o saber livresco ou com a quantificação dos textos lidos. Relaciona-se, muito antes, com a liberdade e com a imaginação. A experiência da leitura existe antes mesmo da experiência da escrita. Paulo Freire (1992) afirma que a leitura da palavra é precedida por uma leitura do mundo e que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção entre texto

e contexto” (FREIRE, 1992, s. p.). Em sua obra *A importância do ato de ler em três artigos que se completam* (1992), o autor rememora os locais da sua infância percorrendo os espaços de sua casa, revendo os objetos, os animais e o jardim que o cercava. Nesse contexto, as letras e as palavras materializavam-se no canto do pássaros, no assobio dos ventos que traziam as tempestades, nas nuvens do céu, nas cores e nos aromas florais. Para Freire, essa primeira leitura, a compreensão desse universo, introduziu a leitura da palavra: “fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais” (FREIRE, 1992, s. p.). A posterior leitura das palavras, frases e textos não significou ruptura com a experiência de mundo. A partir deste entendimento, o autor cunhou o conceito de *palavramundo*: a ideia de que “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, de transformá-lo através da prática consciente” (FREIRE, 1992, s. p.).

Afirmar que a leitura altera o leitor não é mera especulação. Investigações no campo da neurociência atestam que os registros da leitura são capazes de alterar efetivamente os estados psicofísicos daquele que lê. Petit (2009, p. 95) assevera que “os lugares do texto animam o corpo e seus deslocamentos, o seu movimento, estabelecem a construção do psiquismo ou a sua reconstrução”. De acordo com a autora, muitos leitores em seus encontros com os livros experimentam a presença de possibilidades, de novos lugares, de horizontes múltiplos que os afastam da estreiteza das suas existências. Para Manguel (2017, s. p.), quando os leitores conscientemente transpõem barreiras da geografia física e superam o tempo histórico, eles autorizam o “surgimento de uma outra geografia e de uma outra história à medida que avançam texto adentro”.

No intuito de fornecer uma imagem mais precisa do que vem a ser a experiência da leitura, Larrosa (2017) elenca três elementos que considera significativos. O primeiro diz respeito às relações entre o que está explícito no texto e o que está ausente, entre o dito e o não dito; entre o escrito e o que está para além da escrita e como essas relações determinam a construção do sentido. O segundo refere-se à relação do leitor com o texto, da inversão que ocorre no processo da leitura: é o texto que decifra o leitor, que faz as interrogações e coloca este leitor sob sua influência. Por último, o autor coloca o texto como uma interrogação, algo para além do óbvio, algo inesperado, “algo que compromete o leitor e o coloca em questão, algo que afeta a totalidade de sua vida na medida em que o chama para ir mais além de si mesmo, para tornar-se outro” (LARROSA, 2017, p. 127).

São recorrentes as afirmações de que a leitura traduz-se em experiência quando é capaz de impactar o leitor, agindo sobre ele de forma a modificar os seus valores, suas ideias, sua percepção da realidade e, assim, promover o espírito crítico. Conforme Jouve (2002), algumas leituras atuam de maneira concreta sobre o leitor, no sentido de confirmar ou alterar suas ações e comportamentos, enquanto outras se prestam à distração e ao divertimento. De toda a forma, mesmo em textos cuja função primeira seja emocionar ou distrair, é possível encontrar sentidos de informação e de convencimento embora tais sentidos não estejam explícitos. No que tange à emoção, o autor faz uma distinção entre a que está manifesta no texto e a emoção sentida pelo leitor. De acordo com Jouve (2012), é possível identificar a emoção que está representada no texto, aquela à qual a obra se refere, sem, no entanto, compartilhar de sua intenção. Essa emoção denotada ou expressa, embora não seja partilhada pelo leitor, não está destituída de interesse.

As experiências oportunizadas pelo ato de ler também são percebidas pelo sujeito leitor embora este, na maioria das vezes, não saiba prontamente identificá-las ou não está apto a nomear as transformações que a leitura suscita. Petit (2008) expõe os diversos aspectos para os quais a leitura pode contribuir: o acesso ao conhecimento, a ampliação dos horizontes de referência, a construção da subjetividade, entre tantos outros. No entanto, a autora é categórica ao afirmar que, enquanto existe uma leitura que estimula a transformação, “que auxilia a simbolizar, a se mover, a sair do lugar e a se abrir para o mundo, existe também uma outra que só conduz aos prazeres da regressão [...], que, na melhor das hipóteses, apenas nos distraem” (PETIT, 2008, p. 101).

Larrosa (2004) ressalta que a experiência não se presta a um conceito pronto, imutável. Por se tratar do ilimitado, do indeterminado da vida, sua conceitualização torna-se impossível

pois “excede qualquer ideia que trate de determiná-la” (LARROSA, 2004, s. p.) Para o autor, dizer que a leitura é experiência “é, simplesmente, dizer que transborda nossos modos estabelecidos de ler, o que já sabemos ler, os modos como já lemos, quaisquer que sejam esses modos” (LARROSA, 2004, s. p.). Ainda, de acordo com o estudioso espanhol, com Larrosa (2003, s.p.), a experiência de leitura é pessoal e intransitiva, não se prestando a certezas absolutas, não sendo possível antecipar seus resultados. Não se trata do caminho até um objetivo preestabelecido, até uma meta conhecida previamente mas, sim, “uma abertura ao desconhecido, ao que não é possível antecipar e prever¹”.

Leitura literária e construção de si

O ato de ler exerce influência nos sujeitos a ponto de modificá-los. Essa leitura que, enquanto experiência, promove o encontro: consigo, com os outros, com a concretude da existência e com a poesia dos sonhos. A leitura que, enquanto experiência, permite entender, iluminar e nomear sentimentos, sensações, emoções até então ignoradas ou incompreendidas, que rompe as barreiras de tempo, espaços e distâncias. A leitura que, enquanto experiência, destrói para reconstruir. Essa leitura que, enquanto experiência, sustenta, socorre, acalanta.

A leitura entendida como experiência não é mero passatempo ou uma simples fuga da realidade. Em sua teoria, Larrosa (2003) apresenta a leitura como formação. Para tanto, ela deve ser pensada como uma atividade que está diretamente relacionada à subjetividade, não apenas com o que este leitor conhece mas, mais exatamente, com o que ele é. A leitura como formação deve ser pensada no sentido de uma modificação: “[...] como algo que nos forma (ou nos de-forma ou nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos confronta como aquilo que somos²” (LARROSA, 2003, s. p. tradução nossa). Nessa perspectiva, a narrativa literária tem fundamental importância. Larrosa justifica essa importância utilizando a metáfora da vida humana como uma novela, especialmente por sua característica narrativa. A vida humana que é constituída de uma sucessão de fatos, com sentido único e pessoal, que transcorrem em um intervalo de tempo determinado, à semelhança de um relato.

Ainda para Larrosa (2003), a relação entre a narrativa e o autoconhecimento está evidente. Consequentemente, a construção e a transformação de nossa identidade está diretamente relacionada às histórias que lemos e escutamos. O autoconhecimento não acontece de maneira isolada, apenas com a autorreflexão. Ele se origina na relação com a infinidade de outras histórias produzidas dentro de uma cultura e na forma como organizamos as experiências pessoais. Assim, a construção da subjetividade acontece para além da certezas. É uma construção ancorada muito mais no contraditório, na ambiguidade de sentido, nos questionamentos. Não se trata, portanto, de algo pronto ou com um final previsto, determinado. Para Larrosa (2003), a formação da autoconsciência e a autointerpretação são partes de um processo interminável. A subjetividade deriva da “[...] consciência de que o eu nada mais é do que uma contínua criação, um perpétuo devir, uma permanente metamorfose”³ (LARROSA, 2003, s. p. tradução nossa). Essa metamorfose somente é possível no processo de narração e interpretação da leitura e, também, da escrita. Para o teórico espanhol (2017, p. 54), “somente lendo (ou escutando) tem-se consciência de si próprio [...] e, neste processo, aprende-se que ler e escrever (ouvir e falar) é colocar-se em movimento, é ir para além de si mesmo, é manter sempre a interrogação acerca do que se é”.

Em sua obra *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*, Petit (2013) argumenta que “a leitura pode ser, em qualquer idade, um atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, um espaço íntimo, privado” (PETIT, 2013, p. 41). São espaços que permitem os sonhos, as identificações, a abertura para novos cenários e novos entendimentos acerca de si e do mundo. Ainda segundo a autora, a leitura como um território íntimo “ajuda a elaborar ou manter o sentimento de individualidade, ao qual se liga a capacidade de resistir às adver-

1 una apertura hacia lo desconocido, hacia lo que no es posible anticipar y pre-ver.

2 [...] como algo que nos forma (o nos de-forma ou nos trans-forma), como algo que nos constituye o nos pone en cuestión en aquello que somos.

3 [...] conciencia de que el yo no es sino una continua creación, un perpetuo devenir, una permanente metamorfosis.

sidades” (PETIT, 2013, p. 67). Esse território propicia um certo distanciamento dos outros e da realidade. Esse distanciamento, no entanto, não significa afastar-se do convívio, mas uma oportunidade de elaborar novas formas de relacionamento consigo, com os outros e com o mundo. Para Larrosa (2003), a leitura nos permite vivenciar a solidão de uma maneira singular e nos oferece o silêncio numa realidade ruidosa, repleta de demandas e de urgências.

Em relação ao espaço criado pela leitura, Petit (2013, p. 43) afirma que este lugar “não é uma ilusão. É um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de uma posição de sujeito”. Esse espaço próprio, solitário e silencioso, nos afasta das agitações do cotidiano. Em ambientes caóticos, o espaço de leitura construído pelo leitor “permite encontrar um sentimento de continuidade” (PETIT, 2009, p. 82). Mesmo onde parece ser impossível dispor de um lugar pessoal, encontramos nos livros uma perspectiva de acolhimento e de hospitalidade. Nesses espaços, o tempo transcorre de maneira distinta, são espaços governados por um “tempo particular – rompendo, de forma semelhante, com as outras atividades –, feito de uma lentidão propícia ao devaneio” (PETIT, 2009, p. 83).

É oportuno salientar que o distanciamento não isola o leitor do mundo mas “o introduz no mundo de maneira diferente” PETIT (2008, p. 43). A leitura, no que ela apresenta de mais pessoal ou de mais universal – da experiência humana –, transforma as relações com o outro, gera novas formas de sociabilidade e de compartilhamento. Para Yunes (2003, p. 14), as narrativas e os relatos “podem favorecer intensamente a apropriação e criação do discurso pessoal, forjando a subjetividade no processo interativo, que pouco a pouco alcance a autonomia sem perder o diálogo”. Nesse mesmo sentido, Petit (2009) afirma que a leitura favorece a transição entre o eu e o outro e é “por meio de intersubjetividades gratificantes que surge o desejo de ler, o ato de dividir é inerente à leitura como todas as atividades de sublimação” (PETIT, 2009, p. 139).

A leitura que possibilita a experiência, a (trans)formação, e (re)construção exige uma entrega, uma apropriação, um pensar sobre. Ela está muito além da investigação, da conversão da incultura em conhecimento, da leitura de textos que falam apenas sobre si mesmos. A leitura literária, ao contrário dos textos científicos e técnicos, se abre para uma possibilidade infinita de interpretações.

A leitura, no sentido da experiência e da constituição de uma subjetividade, atua de muitas maneiras. Ela transporta, ainda que não no sentido literal, ela possibilita um movimento, um ir e vir, um “saltar para o outro lado”, nas palavras de Petit (2009). E este outro lado está acessível também pelos saberes da linguagem, da escrita e pela imaginação.

Seja por meio das teorias ou de práticas individuais e coletivas, os efeitos da leitura são amplamente reconhecidos. A leitura que, enquanto experiência, pode atuar como um agente transformador capaz de ressignificar vivências, tornando-se uma importante via na construção da identidade e para a autonomia dos sujeitos.

A dimensão da leitura na obra “A desumanização”, de Valter Hugo Mãe

O romance *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe, foi escolhido como *corpus* de análise deste artigo por conta da presença da leitura na obra e na importância dos livros para a personagem narradora, Halladora (Halla). Toda a sua trajetória é permeada pelos livros e pelo alento que a leitura e o compartilhamento do ato de ler oferecem à sua existência cercada de frio: o frio físico das geladas paisagens islandesas e o frio metafórico da melancolia, das angústias e da violência. Além disso, a potência narrativa do autor, é, mais uma vez, notória. *A desumanização* é uma leitura que abala, gera perplexidade, desassossega. As considerações sobre as transformações e as interrogações que a leitura provoca na personagem do romance podem ser transpostas, sem maiores questionamentos, para quem o lê.

O romance foi publicado em 2013 e teve sua primeira edição brasileira lançada em 2014. A obra é composta de duas partes que não possuem títulos específicos, sendo nominadas apenas como Primeira Parte e Segunda Parte. O enredo desenrola-se nas gélidas paisagens da Islândia, em um vilarejo isolado entre as montanhas, o mar, os fiordes, as geleiras, os vulcões e o frio, muito frio. A narrativa é permeada pela morte, por sua presença constante e pela

ausência que ela provoca.

A personagem Halladora (Halla), que também é a narradora da história, conta-nos a sua realidade após a recente e prematura morte de sua irmã gêmea Sigridur quando ambas estavam com onze anos de idade. A vida de Halla sobre uma transformação brutal após essa morte e seus relatos refletem as angústias, as inquietações, a melancolia, a revolta e o sofrimento que se tornam rotina. A morte da irmã decretou, de certa forma, também a morte da personagem. Essa quase morte é reforçada pela mãe, que não aceitou a perda de uma das filhas e passa a odiar sua gêmea; e também pela comunidade do lugar: Halla passou a ser chamada de “a menos morta” das duas meninas. A violência e a brutalidade da mãe são uma constante na vida de Halla. Sua mãe entra num processo (auto)destrutivo, de automutilações e de agressões – físicas e psicológicas – direcionadas à filha. Nessa realidade, a narradora destaca a importância da presença do pai, que é a uma fonte de afeto e de consolo entre tanta desolação e desumanização; a presença do pai com sua poesia – para o pai de Halla, a materialidade do mundo só poderia ser explicada pelo poema, – e com o compartilhamento da leitura e dos livros. Outra personagem presente na narrativa é Einar, um homem cuja idade não é possível precisar pelo texto, talvez a idade do pai de Halla, mas com atitudes que insinuam que ele porventura tenha alguma deficiência intelectual. A trajetória de Einar também transcorre entre perdas, segredos e formas de violência: sem família, foi criado desde muito pequeno por Steindór, personagem que tomava conta da igreja do vilarejo e era uma espécie de mentor espiritual da comunidade, embora não fosse ordenado por nenhuma religião. Halla e Einar iniciam um relacionamento é e com ele que a menina tem as suas primeiras experiências para além da infância: o beijo, o toque, o sexo. Essa relação gera muitas reflexões em Halla e também muita culpa: pelas lembranças e promessas feitas à irmã antes de sua morte, pelo distanciamento do pai, pela raiva ainda maior de sua mãe. E a morte está **mais uma vez** presente na vida da menina. Uma morte que novamente abala Halla e que a afasta de vez da infância, empurrando-a para o mundo dos adultos muito precocemente. Ao longo da narrativa, a vida da personagem transcorre entre diversas mortes: algumas físicas mas, também, a morte dos sonhos e da esperança. Essa morte em vida pode ser percebida nesta reflexão de Halla, que aparece entre as últimas páginas do romance:

MAIS TARDE, TAMBÉM eu arrancarei o coração do peito para o secar como um trapo e usar limpando apenas as coisas mais estúpidas.

Quando empedernir, esquecido de toda a humidade da vida, ficará entre loiças, como inútil souvenir ou peça de mesa para uma festa que nunca acontecerá.

Terei sempre pena dele. Estará como um animal antigo que perdeu a qualidade dos novos dias. Sem visitas. Será apenas a humilhação entristecedora de todos os afetos.

Poderei, nas arrumações, preparando alguma partida, aligeirando os fardos, deixá-lo no lixo para que a natureza o recicle com suas ganas aturadas de recomeçar tudo. Até lá, a minha coragem assume apenas a evidência de que somos matéria morrendo. Começarei morrendo pelo coração (MÃE, 2014, p. 145).

Cabe, no entanto, ressaltar o quanto *A desumanização* torna a sua leitura uma experiência inquietante e desafiadora. O romance nos joga numa realidade geográfica distante, para muitos apenas imaginada, mas muito difícil de esquecer. É uma leitura que movimentamos nossas emoções de uma maneira singular. Valter Hugo Mãe descreve várias mortes, não apenas a morte física mas também as pequenas mortes que morremos todos os dias.

A dimensão da leitura na obra *A desumanização*

O termo angústia pode, sem qualquer dubiedade, ser aplicado à obra. O sentido desse termo perpassa toda a narrativa e movimenta o leitor. As inquietações, os tormentos e o sofrimento da “criança espelho” transpõem as páginas do livro e atingem diretamente quem o lê. Com isso, podemos pensar o sentido e a significação da leitura não apenas na obra mas, igualmente, da obra. Segundo Jouve (2002), a verdadeira experiência da leitura está diretamente relacionada à significação da obra, à passagem do texto para a realidade. Nessa lógica, a experiência está ligada a uma das cinco dimensões do processo de leitura proposto por Jouve (2002): a afetividade. De acordo com o autor, a leitura, como um processo afetivo, diz respeito às emoções que um texto desperta e como essas emoções promovem a identificação do leitor com esse texto. A dimensão da afetividade permite ao leitor de *A desumanização* compreender, por exemplo, o trauma da perda da irmã gêmea, o peso da morte para uma criança de onze anos, o aturdimento pelas reações dos adultos, a desordem provocada pelas relações de amor e ódio bem como as surpreendentes reflexões de uma criança sobre as circunstâncias da vida, sobre os homens e a maldade humana; sobre o mundo, sobre si mesma, sobre deus. Uma das reflexões da narradora é assim descrita por Mãe (2014, p. 13):

Podia ser que eu estivesse ainda mais magra por ter ficado vazia dos poucos grammas que pesava a alma. A minha mãe chamava-me estúpida. Perguntei-lhe que sentido encontrava na vida. O que andaríamos ali a tentar descobrir. Mas ela nunca o saberia. Surpreendeu-se com a profundidade da questão. Foi um modo instintivo que tive de a magoar, para que não me ofendesse com a sua contínua e impensada rejeição. Magoávamo-nos, acreditava eu, sempre por causa da ternura. Como que a reclamá-la enquanto a perdíamos de vez.

Apenas a dimensão da afetividade permite ao leitor um olhar leniente para uma mãe que, devastada pela perda da filha, age de forma violenta e (auto)destrutiva, uma compreensão que a própria Halla demonstrava algumas vezes: “A minha mãe, por seu lado, perdera o modo de se apaziguar. Rejeitava cada coisa. Era rigorosa, não desculpava ninguém e não se desculpava. Estava em guerra [...]. Como se estivesse viva num mundo morto”. (MÃE, 2014, p. 27). A identificação faz com que o leitor compreenda essa mãe ou passe a odiá-la já nas primeiras páginas do texto. A afetividade também autoriza o entendimento da introspeção do pai que encontra na poesia a sua forma de estar no mundo. Ainda de acordo com Jouve, a identificação com as personagens do texto oferece ao leitor uma aprendizagem sobre a sua própria vida: “a leitura, ao fazê-lo atingir uma percepção mais clara de sua condição, permite-lhe entender-se melhor” (JOUVE, 2002, p. 136).

O mundo de Halladora é completamente inóspito, tanto no que diz respeito à geografia, como pelas pessoas que a cercam. É um mundo que desumaniza e endurece. Com a morte da gêmea Sigridur, a humanidade de Halla é sufocada a todo o momento, seja pela mãe, seja pela comunidade onde ela vive. Enquanto a menina morta é chamada de “criança plantada”, o que lhe concede a possibilidade de germinar, um oportunidade de vida, portanto, as referências à Halla nada têm de humano, nada nela pode conferir individualidade ou personalidade, como se a justificativa de sua existência estivesse vinculada apenas à necessidade de manter viva a presença da irmã. Diziam-na que, a partir de então, seu corpo carregava também a alma de Sigridur: “estás de fantasmas dentro” (MÃE, 2014, p. 10). As duas meninas passaram a ser chamadas de irmãs mortas: “A mais morta e a menos morta. Obrigada a andar cheia de almas, eu era um fantasma” (MÃE, 2014, p. 13). Nesse contexto, a vida da personagem transcorre entre a culpa, as memórias, as promessas feitas à irmã, entre a raiva e as constantes agressões da mãe; assim como um imenso desejo de descobrir o mundo e a permissão para se apropriar das coisas que dele fazem parte: do amor, do sexo, da liberdade e do futuro, principalmente

do futuro. Entre tantas violências, físicas e psicológicas; o resgate vem por meio do encontro: o encontro com o outro e com os livros. A leitura oferece à Halla o distanciamento e a proximidade: desloca-a para o longe que tanto deseja – e que era sonhado junto com a irmã – e a aproxima do pai, que é quem acolhe e conforta. A relação com o pai é permeada pela leitura e pelas histórias. A poesia do pai – o homem e a escrita – é um alento para as dores do mundo.

Ao longo da obra, são descritas inúmeras situações envolvendo os livros, a leitura e a poesia. Num primeiro episódio, Sigridur, um poucos antes de sua morte, fazia recomendações à irmã que incluíam a leitura: “[minha irmã] levava às mãos às minhas, como se fosse velha, e pedia-me: ajuda o pai, não deixes de comer, lê os livros das viagens [...]” (MÃE, 2014, p. 25). Era nos livros que Halla encontrava o que a realidade não lhe concedia. Na realidade, nada era seu por direito, nada do vívido da existência: nem alegrias, nem o amor, nem a beleza. A beleza, por exemplo, não era algo que sua mãe permitisse. O mundo não poderia ser belo, a casa não poderia ter cor, os lugares das pessoas mortas precisavam ser feios para respeitar a tristeza. Nos momentos em que até mesmo as pequenas alegrias lhe eram negadas, o pai e os livros vinham em seu socorro:

Senti-me muito feia por andar ainda atrás da beleza. Era tão diferente de fugir. O meu pai desentristeceu-me. Prometeu que leríamos um livro. Os livros eram ladrões. Roubavam-nos do que nos acontecia. Mas também eram generosos. Ofereciam-nos o que não nos acontecia. Se minha mãe deitasse cedo, leríamos como quem partia dali para fora [...]. Punha a cabeça de encontro ao livro como se para ler fosse necessário mergulhar. Servia de ilusão. O melhor era poder fazê-lo com meu pai (MÃE, 2014, p. 40).

A leitura, e em particular a leitura literária, transforma, movimenta, conforta; auxiliando na compreensão de nossa existência e, também, abertura a novas perspectivas em relação ao mundo e aos homens. A materialidade dos livros e os espaços da leitura concedem à Halla a permissão para pensar outras vivências: “Era uma rapariga mimada. Devia ser a poesia do meu pai que me mimava. Os livros. Eram os livros. Diziam-me coisas bonitas e eu sentia que a beleza passava a ser um direito” (MÃE, 2014, p. 41). É por meio de certas leituras que o leitor modifica a sua própria imagem, da sua interioridade, e consegue se desvincular do seu entorno e do que ele apresenta de mais nocivo. Assim, de acordo com Petit (2013, p.79-80), surge a possibilidade de que, “se a história lida ou a imagem contemplada é bela, talvez o interior de si mesmo é que seja belo. Os livros existem como olhares indulgentes, reflexos distantes dos rostos daqueles ou daquelas que outrora se inclinavam sobre a criança para lhe proteger”.

Rildo Cosson (2018) destaca que a literatura permite um maior entendimento da nossa subjetividade e com isso nos incentiva a desejar e a externar o mundo com base em ideias e percepções próprias. Para Cosson (2018, p. 17), “no exercício da literatura podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço, de nossa experiência, e ainda, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção”. A dimensão da poesia na obra *A desumanização* apresenta a característica fundamental da literatura de acordo com Cosson, que é a “[...] de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas [...]” (COSSON, 2018, p. 17). Os poemas escritos pelo pai de Halla expressavam a materialidade daquele mundo, do país e suas paisagens; os seus contrastes e os seus mistérios. A menina explica a relação do pai com a poesia:

O meu pai [...] põe palavras nas mãos e elas começam a piar e são iguais às andorinhas. Vão embora com elas. Para sempre. Palavras para sempre [...]. Algumas palavras, depois, têm

outras como filhas. Andam acompanhadas delas e ensinam-lhes a brincar e a serem felizes. Quando passam os bandos a voar, o meu pai diz que é um texto. Diz que o podemos ler (MÃE, 2014, p. 44).

Para Larrosa (2014), a experiência da leitura e da escrita no poema consiste na capacidade de enxergar o que nos cerca de outras maneiras, ela converte o “olhar ordinário sobre o mundo num olhar poético, poetiza o mundo, faz com que o mundo seja vivido poeticamente” (LARROSA, 2014, p. 134). A linguagem poética é criadora, inovadora e desconstrói a leitura pronta do mundo, pois, em determinados momentos, “a poesia aparece como uma forma de dizer as coisas, desdizendo-as, como uma forma de nomear o mundo denomeando-o”. Nesse sentido, a literatura é uma aposta em novas formas de pensar, de falar e de escrever; quando buscamos uma outra língua e uma outra forma de pensar, buscamos, ao mesmo tempo, uma experiência outra, uma vida outra. Na obra *A desumanização*, o pai da personagem Halla descreve a poesia no que ela simboliza de mais humano e, ao mesmo tempo, na forma como ela representa o transcendente, como uma metáfora da própria existência, quaisquer que sejam as possibilidades dessa existência:

A poesia é a linguagem segundo a qual deus escreveu o mundo. Disse o meu pai. Nós não somos mais do que a carne do poema. Terrível ou belo, o poema pensa em nós como palavras ensanguentadas. Somos palavras muito específicas, com a terna capacidade de tragédia. A tragédia, para o poema, é apenas uma possibilidade. Como um humor momentâneo. Eu perguntei: posso chamar a vida de poema. E ele respondeu: podes chamar a vida de poema. Ou podes chamar de normalidade. A vida é a normalidade e deus é a normalidade. O poema é normal. Onde há palavra há deus. Onde nasce a palavra, nasce deus. Todos os outros lugares são ermos sem dignidade (MÃE, 2014, p. 45).

Conforme assevera Larrosa (2004, s. p.), a literatura é, entre outras coisas, uma radical experiência da linguagem, “que se estende como uma atmosfera, como um feixe de problemas, como um temperamento”. O autor utiliza um trecho da obra *O arco e a lira*, do poeta Octavio Paz, para exemplificar a essa experiência da linguagem no que diz respeito à poesia. Paz assim descreve a poesia:

[...] conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de liberação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos elogios, alimento maldito. Ilha, une. Convite à viagem; regresso à terra natal. [...] Sublimação, compreensão, condensação do inconsciente. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não dirigido. [...] Experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo e metros e rimas não são senão correspondências, ecos, da harmonia universal. [...] (PAZ, 1956 apud LARROSA, 2004, s. p.).

Halladora, como toda a adolescente, está numa fase de transformações, de questionamentos, de encontros e descobertas. É nessa fase que acontece o encontro com um outro

diferente do pai. Einar é o outro cuja história também é permeada por formas de violência e que está igualmente inserido num ambiente pouco amistoso. Esse outro oferece o amor físico, o contato, o beijo, o sexo. E livros. Os livros também estão presentes nesse relacionamento e põem em xeque muitos aspectos da existência de Halla. É com Einar a sua primeira experiência de leitura com um homem que não o pai, com um livro que não o do pai. A leitura compartilhada com Einar desassossegou a personagem de diversas maneiras. Halla e Einar têm nas mãos um livro do pintor islandês Kjarval, cujas pinturas são capazes de transformar paisagens inóspitas em locais animados, vivos, capazes de dispersar a solidão do vazio. Essa leitura é assim descrita por Halladora:

Quando abrimos o livro, metidos no cabeço a fugir de todos, pensámos que a pintura era um milagre, que os livros eram um milagre, pensávamos que valíamos praticamente nada comparados com o que existia no mundo. Valíamos praticamente nada comparados com um livro. [...] No cabeço, com o livro a queimar-me as mãos, eu senti que não tinha forças para ser melhor. Só sabia seguir por inércia o que a vida me colocava diante. Estava ali com Einar, voltei a pensar tão traidora. O vértice da montanha onde eu queria deitar os olhos da minha irmã (MÃE, 2014, p. 44).

O relato dessa leitura é o que podemos chamar de experiência, conforme as metáforas descritas por Larrosa, que fazem alusão à leitura como fármaco e como viagem. Na metáfora da viagem, o teórico espanhol (2003, s. p. tradução nossa), assevera que ler é como viajar, “como seguir um itinerário através de um universo de signos que é necessário saber interpretar corretamente se não quisermos nos perder⁴”. Segundo o autor, o fármaco, por sua vez, possui algo de transcendente, de espiritual que, ao encontrar o que é etéreo no humano, a alma, é capaz de transformá-la ou deformá-la. Nesse sentido, “a leitura como o fármaco [e como] a viagem [...] é algo que forma ou transforma o leitor. A leitura é algo perigoso: o fármaco pode ser remédio ou veneno; a viagem pode ser útil mas também pode fazer com o viajante saia do trilhos e se extravie [...]” (2003, s. p. tradução nossa). A personagem da obra está no período da adolescência, naturalmente uma fase de incompreensões, de sentimentos, transformações e sensações difíceis de serem nomeadas ou verbalizadas. Petit (2008, p. 50) afirma que a adolescência é a:

Idade em que não sabemos como nos definir. Em que sentimos medo das definições. É um momento em que precisaríamos estar informados, mais do que qualquer outro, sobre o chão em que pisamos. E encontrar palavras que, no fundo, mostrem que estamos apenas experimentando afetos, tensões e angústias universais, ainda que estas tomem aspectos muito diferentes, conforme se tenha nascido menino ou menina, rico ou pobre, habitante deste ou daquele canto do mundo.

De acordo com Petit (2008), a leitura pode ser um caminho para a construção da subjetividade, de um pensar sobre si e sobre o sofrimento para dar um sentido à própria existência. Seja na adolescência, na juventude ou ao longo de toda a vida, encontramos nos livros a com-

4 como seguir un itinerario a través de un universo de signos que hay que saber interpretar correctamente si uno no quiere perderse.

5 La lectura, como el fármaco, el viaje [...] es algo que forma o transforma al lector. La lectura es algo peligroso: el fármaco puede ser remedio o veneno; el viaje puede ser útil pero también puede hacer que el viajero de descarríe y se extravíe [...].

panhia que apoia e consola, “às vezes neles encontramos palavras que nos permitem expressar o que temos de mais secreto, de mais íntimo. Pois a dificuldade para encontrar um lugar neste mundo não é somente econômica, mas também afetiva, social, sexual e existencial” (PETIT, 2008, p. 74). Nessa experiência de leitura, a personagem Halla faz menção à traição em duas situações. Esse sentimento de culpa aparece em relação ao pai e à irmã. O local escolhido para leitura do livro de Kjarval era um lugar frequentado por Halla e Sigridur. Assim, estar nesse local com Einar é uma forma de profanação da memória da irmã. Outra traição diz respeito ao pai: o livro lido não era do pai e, para Halla, todos os livros lidos deveriam ser de seu pai. Então, ela encontra um maneira de aproximar o pai daquela vivência dizendo: “O meu pai deve achar coisas importantes sobre o Kjarval. Tenho a certeza. O Einar respondeu: só estás aflita por gostares de mim, Halla, não é mais nada. Não sejas doido. Dizes muitas asneiras” (MÃE, 2014, p. 45). A dimensão da culpa é abordada por Petit (2008) quando relata sua experiência com leitores. De acordo com a autora, distinguir-se e distanciar-se do(s) pai(s), não é uma tarefa fácil, podendo ser percebida como uma traição, um assassinato simbólico, existe uma culpa associada a esse afastamento ou a qualquer forma de êxito que possa superar o pai.

Para essa análise, foram selecionados alguns excertos da obra que fazem referência ao ato de ler, à experiência da leitura e da escrita. No entanto, ao longo de toda a história de *A desumanização* existem referências à leitura, aos livros e associações do ato de ler e de escrever com a materialidade da existência. Para a narradora, não existe uma vida apartada da leitura. O entendimento de mundo, no que ele apresenta de mais simples, até as explicações sobre o que a vida tem de mais complexo – sobre o sublime e sobre a morte – está baseado nos livros e na leitura. As teorias apresentadas ao longo deste trabalho estão adequadamente representadas em uma passagem de *A desumanização*, onde Halla descreve a irmã de sua mãe destruindo os livros que eram de seu pai, os poucos livros de seu pai. No episódio, esses livros estavam sendo rasgados para alimentar o fogo. A tia não aceitava as histórias ali contidas, tinha suas próprias opiniões a respeito de todos os acontecimentos do mundo. A narradora descreve a relação da tia com os livros e com a leitura:

A mulher urso construía as convicções mais delirantes do mundo. Afirmava que as guerras mundiais não haviam existido. Havia servido para arregimentar os homens, mandá-los para lugares quentes, dar-lhes fome e sede, para depois levar-lhes coca-cola num golpe publicitário sem precedentes. [...] Nem dinossauros nem guerras, a humanidade resumia-se ao verão e ao inverno islandeses. O gado, o peixe, o precioso calor e o frio abundante, cantar, tocar, fazer oferendas às pedras gigantes habitadas pelo povo escondido. Sonhar com frutas e com flores. Sonhar o que era dos sonhos. Viver o que pertencia ao juízo. Dividir tudo por uma questão de superior inteligência para nunca sucumbir a fraquezas nem corroborar a propensão para a vulnerabilidade, apanágio do ser humano. Pensava que os livros eram animais de barriga imensa para onde caíam os leitores, puxados por textos inquinados, maquiavélicos, feitos de malícias, maldades, mentiras, deturpações, transformações do que era certo em condutas erradas. Os livros tinham presas e dentes afiados e comiam gulosamente as pessoas (MÃE, 2014, p.108-109).

Segundo Petit (2008), o receio em relação aos livros e à leitura decorre de diversos fatores, entre os quais estão o medo da interioridade, as antigas associações entre os livros, o conhecimento e os mistérios do sexo; o medo de um encontro consigo mesmo que a leitura promove; medo da vulnerabilidade; da própria sensibilidade; de um distanciamento perigoso da realidade. De acordo com a autora, esse medo da leitura talvez esteja relacionado com “o temor de perder o domínio sobre algo, o medo de ser confrontado com a carência, com a

pluralidade de sentidos, com a contradição, a alteridade, de se perceber múltiplo, o medo de ver a identidade desmoronar, quando esta é vista como algo monolítico, imutável [...]” (PETIT, 2008, p. 136). A personagem Halladora descreve o que representa a experiência da leitura para um leitor:

Não ler, pensei, era como fechar os olhos, fechar os ouvidos, perder sentidos. As pessoas que não liam não tinham sentidos. Andavam como sem ver, sem ouvir, sem falar. Não sabiam sequer o sabor das batatas. Só os livros explicavam tudo. As pessoas que não leem apagam-se do mapa de deus (MÃE, 2014, p. 109).

Aqueles que percebem a leitura como uma maneira de experienciar o mundo não são capazes de conceber uma existência apartada dos livros. Considerando as teorias apresentadas neste artigo, podemos afirmar que a obra analisada reflete vários aspectos apontados pelos autores no que diz respeito à leitura como experiência: a leitura que movimenta, mesmo que não fisicamente, que promove a reflexão e nos ajuda a nomear os nossos sentimentos, as nossas vontades e o mundo; a leitura que ressignifica, (trans)forma e possibilita a construção de novas (auto)narrativas. A leitura, assim como os livros, esteve presente ao longo de todo o romance, sendo impossível separar a história da menina Halladora das leituras que ela realizou e da poesia que materializava o seu mundo. Era a leitura que a afastava do frio, das muitas dores reais e era a leitura que a aproximava do pai, do afeto e de uma outra realidade possível.

Considerações Finais

Pensar a leitura e a relação com os livros não é um tema inédito. São muitas as pesquisas e as teorias desenvolvidas a esse respeito, o que não torna a temática mais simples ou menos interessante. Ponderar a leitura como experiência é pensar sobre diversas questões do mundo no qual estamos inseridos, esse mundo físico, geográfico, mas também o mundo pessoal, a realidade individual, as relações conosco e com os outros.

A escolha do *corpus* para esse artigo tem estreita relação com esse entendimento da leitura: a leitura como experiência (trans)formadora. A presença da leitura na obra e a importância dos livros para a narradora são constantes ao longo de toda a narrativa e a forma como essa leitura se manifesta traduz com propriedade as teorias apresentadas em diversos aspectos que dizem respeito à leitura como uma via para construção da subjetividade: a leitura como movimento, questionamento, renovação, abertura e, em determinados momentos, como acolhida e amparo. Para a menina do romance, quando a realidade é devastadora, os livros vêm como uma forma de resgate, como alívio, como bálsamo, como revelação e orientação. São os livros que a fazem saltar para um outro lado, para outras realidades possíveis.

Referências

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** [recurso eletrônico]. São Paulo: Cortez, 1992, s. p.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2012.

_____, Vincent. **A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas**. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. Tradução de Neide Luiza de Rezende. São Paulo: Alameda, 2013, p. 53-65.

_____, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación** [Edição Kindle]. México: Fondo de Cultura Económica, 2003, s. p.

_____, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel** [Edição Kindle]. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, s. p.

_____, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre, e a traça** [Edição Kindle]. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017, s. p.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Scharrwcz, 1997.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade.** Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público.** Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução de Caio Meira. 10. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2020.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). **A experiência da leitura.** São Paulo: Loyola, 2003.

Recebido em 7 de setembro de 2020.
Aprovado em 17 de novembro de 2020.